

BRASIL & EXTERIOR

IB

Editor: Luiz Eduardo Costa/Subeditores: Márcia Binder e Rodrigo Leitão/E-mail: brasilexterior@jornaldebrasilia.com.br/AI6 Jornal: telefone 0800-612221

Novas fronteiras do Brasil

HISTORIADOR DA
UNB PESQUISA
AIDS NA AMAZÔNIA
E DESCOBRE
OUTROS LIMITES
DO PAÍS

PATRÍCIA BRITTO

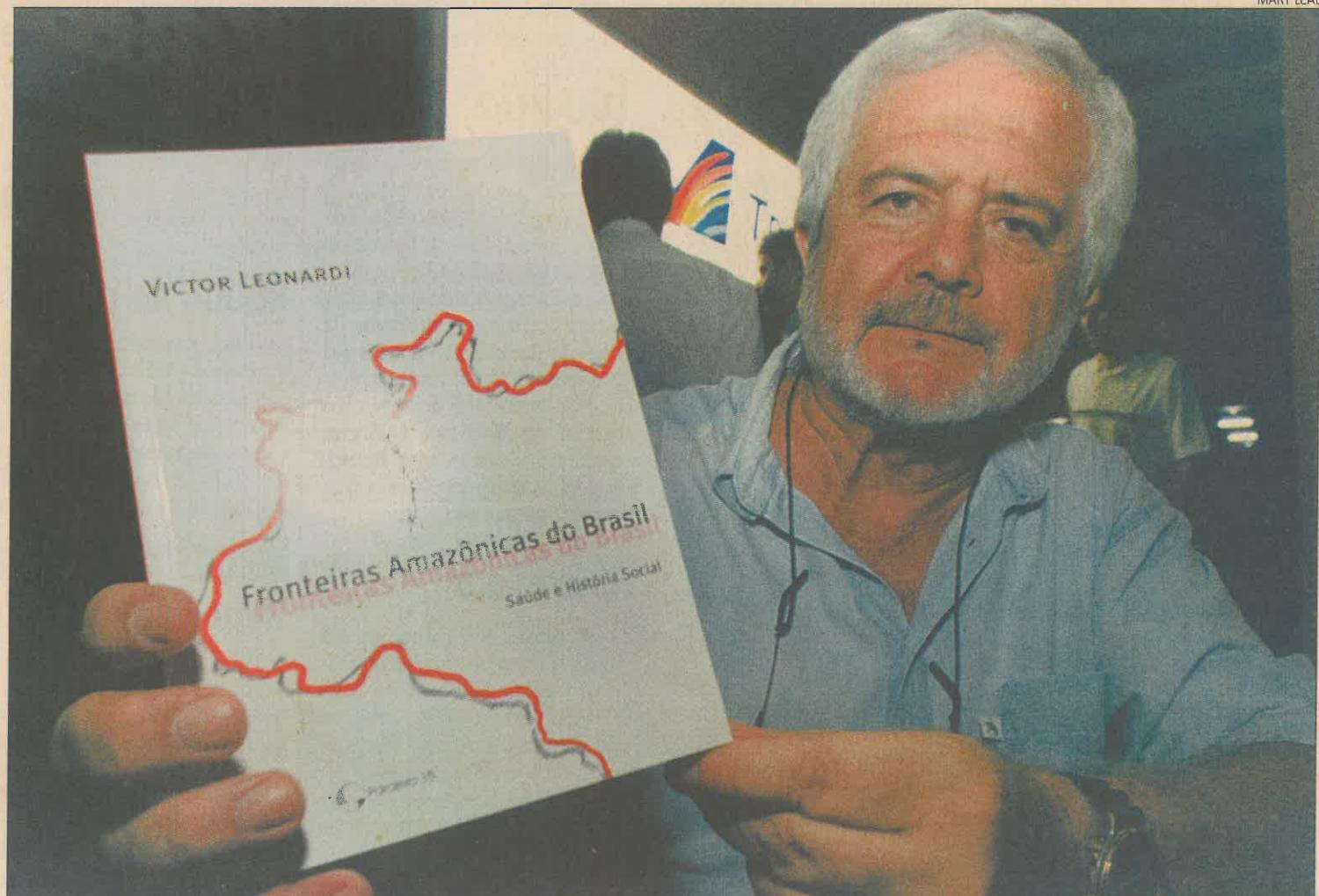
Para reconstruir a história social da população da fronteira amazônica e traçar o percurso e as principais causas das doenças sexualmente transmissíveis e da aids na região, o historiador Victor Leonardi afirma ter encontrado nas fronteiras um mundo extraordinário que vai muito além das questões de saúde, de violência, do tráfico de drogas, da prostituição, e de devastações.

Nos três anos de pesquisa local percorrendo cerca de 11 mil quilômetros, no sobe-e-desce das estradas de difícil acesso, o autor do livro *Fronteiras Amazônicas do Brasil*, lançado este mês, passou pelos estados do Amapá, Pará, Roraima, Amazonas, Acre, Rondônia e Mato Grosso, e suas respectivas fronteiras com a Guiana Francesa, Suriname, Guiana, Venezuela, Colômbia, Peru e Bolívia. De jipe, de ônibus ou de avião, visitando os dois lados dos países limítrofes, além das tradicionais formas de

violência causadas por guerrilhas ou pelo narcotráfico na Colômbia, em várias outras divisas brasileiras, a beleza se sobrepõe às dificuldades sofridas pela população. "Lá tem cada coisa incrível acontecendo", disse o professor, referindo-se à quantidade de brasileiros emigrando para o Suriname, ou às relações, cada vez mais intensificadas entre o Brasil e a Guiana Francesa.

O fenômeno da emigração, até pouco tempo desconhecido no país, vem se intensificando não só pelo conhecido fato de brasileiros que vão em massa para os Estados Unidos, mas pelos que, procedentes dos mais diferentes lugares, vão também para o Suriname e Guiana Francesa em busca de uma vida melhor. Segundo Victor, existem hoje cerca de 15 mil brasileiros trabalhando na Guiana Francesa e 20 mil no Suriname, um país, de certa forma, misterioso para as outras regiões e que, mesmo sem cidade alguma na fronteira brasileira, atrai cada vez mais gente para o comércio e para a mineração.

"A quantidade de pessoas na fronteira com a Guiana Francesa se parece muito com a situação dos mexicanos querendo entrar no Texas", ressalta o historiador.



VÍCTOR Leonardi: professor da Universidade de Brasília revela um retrato social inédito da Amazônia e de suas fronteiras

A emigração para este país é hoje rigorosamente controlada e não tem mais as facilidades de dez anos atrás, quando a entrada de brasileiros era respaldada pela necessidade de mão-de-obra qualificada para a construção de

uma grande base de pesquisas espaciais. As vantagens de quem consegue se estabelecer no país francês são muitas. Além de viverem em um país onde a moeda é o franco francês, os naturalizados têm os mesmos direitos políticos

de um cidadão francês e os desempregados recebem um auxílio de mais de R\$ 1 mil por mês, salário que muitos empregados do norte não ganham. Vivendo do comércio ou da sua qualificação em construção, como pedreiros,

mestre-de-obras, engenheiros ou eletricistas, muitos vivem em favelas na cidade guianense de Caiena mas, segundo Victor, os brasileiros vivem em condições muito melhores nas favelas guianenses do que no Brasil.